

UM OLHAR OUTRO

Passamos hoje a abordar o tema da *Escravidura*, 8º capítulo do *Falso Testimonio*, de Romney Stark.

Situemo-nos: Alguns autores escrevem que a Igreja Católica ensinava que a escravatura era «moralmente legítima» e, por isso, só a condenou em 1890 ou até, diz Maxwell, só em 1965. Será verdade? Romney diz que não: «a Igreja opôs-se à escravatura e eliminou-a na Europa há mais de um milénio». E fê-lo com especial firmeza quando os colonialistas europeus a impuseram no Novo Mundo, mas já não tinha poder para impor a sua vontade. Mesmo assim conseguiu impor uma série de leis sobre o tratamento dos escravos, bem pior no contexto protestante. «Além disso, para evitar que os nativos americanos fossem escravizados e explorados pelos colonos, os jesuítas projectaram e puseram em marcha a criação de uma admirável e sofisticada civilização indígena, hoje estranhamente esquecida, que acabou por ser destruída pelos exércitos português e espanhol, que trataram brutalmente os jesuítas e os expulsaram do continente».

Já S. Tomás de Aquino (1225-1274) afirmava, num tempo em que não havia já escravatura, que a esta é um pecado e a sua doutrina foi seguida pela Igreja, mesmo que o Papa Inocêncio VIII, contra a doutrina oficial, tenha «fechado os olhos», ao ponto de aceitar um presente de uma centena de escravos mouros, que lhe fez Fernando de Aragão. Um parêntesis negro, este de Inocêncio VIII, fechado pelos papas que se lhe seguiram. Um exemplo: perante a escravização dos nativos das ilhas Canárias, o Papa Eugénio IV (1431-1447) publicou uma bula condenatória dando quinze dias para os devolver à liberdade total e perpétua. Os papas seguintes fizeram o mesmo apesar de pouco escutados, o que comprova a «debilidade da autoridade papal na altura». Paulo III (1534-1549) publicou uma esplêndida carta contra a escravatura que se praticava no Novo Mundo, atribuindo-a a Satanás e até castigando com a excomunhão os que a praticavam, atitude condenatória repetida por Urbano VIII (1623-1644), a pedido dos jesuítas diante dos «barcos negreiros» portugueses e espanhóis entre África e o Novo Mundo: «Tomando nota de que os índios são verdadeiramente seres humanos... em virtude da nossa Autoridade Apostólica, decretamos e declaramos pelas presentes cartas que os índios e todos os outros povos - mesmo aqueles que se encontram fora da Igreja - (...) não podem ser privados da sua liberdade nem de outras posses suas (...) e não devem ser reduzidos à escravidão».

O nosso autor fala da débil autoridade papal na altura diante dos monarcas portugueses e espanhóis e a sua influência limitava-se um pouco à acção dos jesuítas no terreno, que tudo faziam para salvar os nativos da exploração dos colonos, sendo, por isso, violentamente perseguidos. E acrescenta: «Naturalmente, os católicos não foram os únicos escravagistas no Novo Mundo. Recorde-se que inicialmente a introdução de escravos nas colónias holandesas e inglesas não provocou o menor protesto dos líderes protestantes». Depois de se deter sobre os «códigos para escravos» e a história do Novo Mundo, citando diversos autores de reconhecido mérito, Stark fala dos conflitos diplomáticos que a acção dos jesuítas provocava nas cortes portuguesa e espanhola, das batalhas dos índios com as tropas portuguesas e espanholas, na sequência do tratado renovado em 1750 «que determinava uma nova repartição das terras da América do Sul seguindo linhas fronteiriças naturais», que originou que sete reduções passassem a depender da coroa portuguesa e que levou à expulsão dos jesuítas em 1758 «até que, finalmente em 1767, todos os membros da Ordem foram detidos e deportados para os Estados Pontifícios».

E a terminar, diz Stark: «Resultado deprimente, o que não nos surpreende, que entre os poucos historiadores que se dão ao trabalho de mencionar a república jesuítica (de Paraguai, fundada em 1609 pelos jesuítas), uma boa parte a olha como manifesto colonialismo católico, condene os 'fanáticos' jesuítas por imporem aos 'doces' índios a religião e a civilização, e nos esforços dos jesuítas por manterem uma república não vejam outra coisa que não seja um cruel paternalismo e 'exploração sem piedade'».

P. Abílio Cardoso

Tiragem semanal: 250 ex.

CONFERÊNCIA ABORDA ÉTICA PRÁTICA EM TEMPO DE CRISE

“Ética Prática para o tempo da crise global do ambiente e clima” é o tema do terceiro encontro do Ciclo de Conferências PENSAR (DE NOVO), organizado pela Pastoral da Cultura da Arquidiocese de Braga. Esta terceira conferência realiza-se no próximo dia 8 de fevereiro, no formato online, pelas 21h00, e conta com a oritinação de Viriato-Soromenho Marques, investigador e professor catedrático na área da Filosofia. A participação na sessão é gratuita, mas implica uma inscrição obrigatória a qual pode ser feita em www.facebook.com/culturabraga. A Pastoral da Cultura pode ser contactada através do e-mail cultura@arquidiocese-braga.pt.

In DM 02.02.2021



“CRISTIANISMO SEM LITURGIA É UM CRISTIANISMO SEM CRISTO”

O Papa defendeu a necessidade de participar nas celebrações litúrgicas, em comunidade, para que cada católico se possa considerar verdadeiramente como tal. “Um Cristianismo sem Liturgia, ousaria dizer, é um Cristianismo sem Cristo. Sem Cristo total”, disse. Francisco falou em particular da Missa dominical, sublinhando que a mesma “não pode ser só ouvida”, como se cada um fosse apenas “espectador”. “A Missa tem de ser sempre celebrada, não só pelo sacerdote que a preside”, insistiu. Francisco alertou para a “tentação”, que se repete na história da Igreja, de “praticar um Cristianismo intimista, que não reconhece a importância espiritual dos ritos litúrgicos públicos”.



Ano XVII - Nº 6 - 7 de Fevereiro de 2021

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt
Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Das angústias pessoais à missão de «agrafados» a Jesus

As nossas conversas, em pandemia que parece eternizar-se, manifestam o desejo de uma mão que nos acolha e nos conforte, um rosto que nos olhe, uns ouvidos que nos escutem. Fazemos a experiência de Job que, atirado para a berma da vida, desconsolado e sem razões para esperar, bem deseja aguentar-se na vida, mas até os seus amigos, que buscam as causas no seu hipotético mau proceder, o afundam ainda mais. Onde poderá ele procurar força para se levantar?

A vinda de Jesus foi anunciada e foi lida como a resposta de Deus ao homem que sofre. E é nele, ainda hoje, que vão ter todas as questões acerca do sofrimento humano, repetindo o questionamento de Job. E não é verdade que, na cultura ocidental, uma cruz é olhada como a esperança de «última hora», quando todas as portas se fecham? E não é verdade que todos, em vários momentos da nossa existência, nos revemos numa imagem de Cristo na cruz?

O programa de Jesus, no evangelho de Marcos que concentra as atenções nas assembleias litúrgicas, é o de um «fazer novo», uma criação nova, um ressuscitar que propõe a todos, os do seu tempo e os de todos os tempos. A nós, também, portanto.

De Cafarnaum, onde o seu ensinamento admirado por todos se concretizava na «ressurreição» ou libertação do um endemoninhado que ele cura, Jesus entra na casa da sogra de Pedro, ali mesmo ao lado da sinagoga. Pegou-lhe na mão e ela, que estava caída com febre, levantou-se e começou a servir. «Todos Te procuram», disseram-lhe os discípulos, interrompendo o seu «retiro» de oração. Ao que lhes respondeu: «Vamos a outros lugares...». E a missão de Jesus passa a ser também a missão dos discípulos.

E até aos dias de hoje, esta verdade essencial não se alterou: Jesus veio salvar, veio dar a mão a todos para os retirar das angústias que nos tornam apenas terrenos. Porque nós também somos celestiais ou, como a Igreja nos ensina, somos os peregrinos que nunca desistem do termo da sua peregrinação, que é o Céu, o encontro definitivo com o Pai.

É neste tempo de peregrinação que se situa a missão do seguidor de Jesus: «agarrado» como Paulo a Jesus, ou «agrafado» a Jesus como todos os discípulos, conscientes de que não é uma ideia, por mais brilhante que seja, que eu sou chamado a transmitir, mas uma experiência, um testemunho de vida, como o de Paulo, que sou chamado a despertar nos outros, que eu me torno anunciador do evangelho de Jesus, numa fidelidade àquele que me envia, o próprio Senhor.



“Ou somos irmãos ou nos destruimos uns aos outros. Hoje não há tempo para indiferença. Não podemos lavar nossas mãos”.

A mensagem, tremenda, chegou do Papa, no primeiro dia da Fraternidade Humana, instituído pela ONU, e vale a pena ler com atenção o que disse Francisco (vatican.va). Sem meios termos: ou irmãos, ou inimigos.

O Prior - P. Abílio Cardoso

ESCUTEIROS EM ANIVERSÁRIO - FOI HÁ 96 ANOS



Todos estamos desejosos que a pandemia deixe os escuteiros voltar, em segurança, às reuniões presenciais e à vida em campo. Hoje, mais do que nunca, sentimos que estamos aqui de passagem e como convidados, fazendo cada vez mais sentido o que pedia B-P: “Deixa o mundo um pouco melhor do que o encontraste!”. Com este propósito rumemos, agora, todos juntos, a caminho do centenário. Bem haja Família do XIII!

Cristina Pinheiro

**A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
V DOMINGO DO TEMPO COMUM**

**Louvai o Senhor,
que salva os corações atribulados**

**SEGUNDA, 8 – S. JERÓNIMO EMILIANO E
S. JOSEFINA BAKHITA**

Leituras: Gen 1, 1-19
Mc 6, 53-56

- Maria Helena da Silva Cerqueira (10º aniv.)
- Maria Angelina Lima d'Afonseca (30º dia)
- Teresa de Jesus Sousa Soares (7º dia)



SEXTA, 12 – Leituras: Gen 3, 1-8
Mc 7, 31-37

19.00 (Matriz):

- Rosa Delfina Pereira e marido
- Agostinho Pereira Duarte
- Maria do Carmo da Silva Fernandes e irmã Elvira

SÁBADO, 13 – SANTA MARIA

Leituras: Gen 3, 9-24
Mc 8, 1-10

19.00 (Matriz):

- Manuel Gonçalves Coutinho
- Maria da Conceição Monteiro Soares, marido e filhos
- Manuel Celso da Silva Cunha, pais e avós
- Manuel Alves da Cruz
- Ondina Carmen Faria Loureiro e filho Manuel Carlos Machado
- Maria do Carmo Silva Costa
- João Rodrigues Pereira (30º dia)
- Joaquim Cardoso Gomes (aniv. nascimento)
- Eduardo Cardoso Oliveira

DOMINGO, 14 – VI DO TEMPO COMUM

Leituras: Lev 13, 1-2. 44-46
1 Cor 10, 31-11, 1
Mc 1, 40-45

11.00 (Matriz):

- Manuel Santos Faria, esposa e filhos
- Pelo povo
- Irmãos da Real Irmandade
- Pelos irmãos, vivos e falecidos, da Irm. de Santa Maria Maior

19.00 (Matriz):

- Pelas almas do Purgatório
- Maria de Lurdes Figueiredo Torres

TERÇA, 9 – Leituras: Gen 1, 20-2, 4a
Mc 7, 1-13

19.00 (Matriz):

- Maria Olívia Pinheiro da Cunha, marido e neto
- Maria Eugénia Fernandes Ribeiro, filho Luis e genro Manuel

QUARTA, 10 – S. ESCOLÁSTICA

Leituras: Gen 2, 4b-9. 15-17
Mc 7, 14-23

19.00 (Matriz):

- Adelino da Silva Pereira
- Maria Gracinda Rego de Sousa Graça Esteves

QUINTA, 11 – NOSSA SENHORA DE LURDES

Leituras: Gen 2, 18-25
Mc 7, 24-30

19.00 (Matriz):

- Acção de graças à Sagrada Família
- Manuel dos Reis Carvalho (aniv. falecimento)
- Augusto Dias Salgueiro, esposa e filhos
- Maria Teresa Lopes Anjo
- Rosa Maria Pereira e Albina Pereira de Sousa
- Venâncio Bonifácio Miranda Arantes esposa

ELE TRAZ BOAS NOTÍCIAS, ELE É «A» BOA NOTÍCIA!

1. Que falta sentimos nós de boas notícias, de felizes notícias! Nestes tempos nocturnos, predominam notícias soturnas. Nestes dias cinzentos, continuam a prevalecer notícias pesadas.
2. Importa, por isso, ter presente que a Igreja é depositária das boas notícias de Deus, trazidas por Jesus. Assim sendo, a Igreja de Jesus não pode limitar-se a ser reactiva, denunciando apenas o que está mal. Ela tem de ser pró-activa, anunciando o que pode estar bem, o que pode melhorar.
3. Acontece que Jesus não é só o portador da boa notícia; Ele mesmo é «a» boa notícia, a feliz notícia. Com efeito, que melhor notícia do que saber que Deus está conosco? Jesus é o Deus-conosco, o Deus para nós, o Deus em nós.
4. É esta a notícia que nos foi confiada e que jamais pode estar confinada. Trata-se de uma notícia que não é tanto para plantar nos jornais ou nas televisões, mas para gravar no coração de cada pessoa.
5. Não esqueçamos que o Evangelho está escrito em forma de livro para ser permanentemente inscrito em forma de vida. É da vida que brota o Evangelho. É do Evangelho que há-de brotar uma nova vida.
6. O Evangelho deve ser anunciado como Jesus o anunciou: pessoa a pessoa, coração a coração, vida a vida. Hoje, o Evangelho está nas nossas mãos, nos nossos pés,

nos nossos lábios, no nosso coração, enfim, em toda a nossa vida.

7. Hoje, nós somos os motores do Evangelho e as asas do Evangelho: o Evangelho chegará aonde chegarem os evangelizadores, os portadores das felizes notícias de Deus. A chegada do evangelizador tem de ser a chegada do Evangelho. Deste modo, o evangelizador também tem de ser evangelizado.

8. É por isso que evangelizar não é o primeiro passo do evangelizador; é o segundo. O primeiro passo do evangelizador é deixar-se evangelizar. Só pode ajudar a converter a Cristo quem se deixa converter por Cristo.

9. Ser discípulo é precisamente ir atrás do Mestre, percorrendo o mesmo caminho do Mestre. Os primeiros discípulos deixaram o que estavam a fazer – e deixaram até a própria família! – para seguir Jesus.

10. Seguir Jesus está acima de tudo. Já São Bento tinha esta prioridade muito vincada quando proclamou: «Nada – absolutamente nada – antepõemham a Cristo». Na nossa vida, o lugar de Cristo tem de ser o lugar primeiro e o lugar central. Como não dar tudo a quem se nos dá sempre? Não tenhamos medo de nos dar. Deus é generoso em retribuir. Ele recompensa sempre «cem vezes mais» (Mt 19, 29)!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 02.02.2021

(continuação do número anterior)

O PARADOXO DO ATEÍSMO...

Calar sobre Deus, no entanto, seria fugir ao dever mais agudo que tem o ser humano: buscar a verdade até ao fim, corajosamente, não para se deter onde for conveniente chegar, mas para caminhar até onde a própria verdade nos leva. Buscar um sentido. Um ser humano tem o dever de não se contentar em ser menos que humano, em se transformar em mero bando de animais engenhosos. Um ateu corajoso, digno deste nome, não se detém no silêncio, nem se apega a um ateísmo a priori, que, paradoxalmente transformar-se-ia num "deus" para ele, um ídolo a ser defendido e adorado com todas as forças, e contra toda a possibilidade de refutação no diálogo e na razão. Um ateu calado é um idólatra. Um idólatra de si mesmo, porque não vê sequer a necessidade de falar e ouvir. Também um ateu que, mesmo saindo do silêncio para defender o ateísmo, refuta o diálogo racional, para se tornar num militante do próprio ateísmo, também está apaixonado pelo próprio ateísmo, transformou o ateísmo em religião, e é incapaz de seguir até as consequências últimas da busca daquilo que o desafia. É um idólatra ainda pior. Nega o absoluto sem perceber que esta afirmação é, em si mesmo, uma afirmação absoluta – e reintroduz o absoluto exatamente ali onde ele é negado! É preciso, portanto, para o ateu, se quer ser coerente, abandonar os dois últimos deuses nos quais ele se refugia: o próprio ateísmo e o culto a si próprio. Porque ambos não são ateísmo, são idolatria. Para falar de ateísmo, o ateu precisa, portanto, contrariar a própria máxima de Wittgenstein, e valer-se da palavra "Deus", que era o que o ateu queria banir em primeiro lugar. Mas é a única maneira de não fechar-se na idolatria. Um verdadeiro ateu precisa ser corajoso: falar e correr riscos, e demanda coerência: quem fala deve conformar conscientemente a própria vida com a verdade que vai descobrindo – esta é a única liberdade. A liberdade que está no limite superior da razão humana que é evocada quando se pronuncia a palavra "Deus". A menos, é claro, que se use a palavra "ateu" num plano relativo: sou ateu deste ou daquele deus, porque ele é um falso deus, mas nada posso dizer de modo absoluto quanto a um eventual Deus verdadeiro. Neste caso, não há cristão que não seja ateu de todos os deuses falsos. Aliás, o filósofo Jean Guittou costumava dizer que o mal do nosso tempo não é o ateísmo, mas a credibilidade tola, da qual devemos fugir: só descobriremos o Deus verdadeiro quando formos convictos ateus de todos os falsos deuses.

Por Paulo Vasconcelos Jacobina, In Zenit.org, 08.10.2014

**REZAR COM MARIA ATRAVÉS
DO ROSÁRIO PELA CRISE E SAÚDE**

Portugal e o mundo estão a braços com uma terrível pandemia que, para além do elevado número de mortos, está a afetar gravemente a vida pessoal, familiar, social e económica de todas as pessoas. Numa carta dirigida aos fiéis, em maio de 2020, o Santo Padre realçou a importância de rezar o Terço, a sós ou em família, com simplicidade, particularmente em momentos tão difíceis como os que vivemos.

Correspondendo aos desafios do Papa Francisco, a Rede Mundial de Oração do Papa disponibilizou, de imediato e gratuitamente, através da plataforma Click To Pray eRosary, o Rosário Pela Crise e Saúde.

O Rosário Pela Crise e Saúde pode ser rezado de forma tradicional, com o terço em madeira e seguindo a proposta escrita, disponibilizada num ebook gratuito; ou através de meios digitais, acedendo ao Click To Pray eRosary, uma aplicação gratuita, disponível para Android e IOS. Para além do Rosário pela Crise e Saúde, a aplicação disponibiliza ainda outras propostas para rezar o Rosário, várias delas de livre acesso.

Para aceder às propostas que não são gratuitas, o Click To Pray eRosary tem associado um dispositivo que funciona ligado à aplicação e desbloqueia todos os conteúdos.

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Família n.º 298 – 6,00
- Família n.º 842 – 10,00
- Família n.º 129 – 100,00

TOTAL DA SEMANA – 116,00 euros

A transportar: 24.396,55 euros
Despesas até agora: 32.019,80 euros

CONFRARIA DE S. JOSÉ E CONFRARIA DO TERÇO

Procedeu-se, em tempo devido, à eleição dos novos corpos gerentes da Confraria de S. José e da Confraria de Nossa Senhora do Terço, uma e outra com particulares responsabilidades porque têm a seu cargo a gestão de edifícios religiosos, que fazem parte do património da cidade e que, por esse motivo, se tornam merecedores do apreço e da gratidão de todos. Nos dias de hoje, os edifícios religiosos exigem muito da generosidade dos crentes e, não estando de portas abertas apenas para os crentes, merecem a consideração das autoridades e dos cidadãos.

O mesmo se pode dizer das Confrarias das Almas, do Santíssimo Sacramento e da Irmandade de Santa Maria Maior, menos exigentes em termos de gestão porque sedeadas na Igreja Matriz.

Urge que as Mesas que terminaram o seu mandato possam apresentar as contas de 2020 e que os novos órgãos sociais sejam empossados, o que vai acontecer em breve. Porque condicionados pela pandemia, o Prior e Órgão de Vigilância receberá o juramento de bem gerir dos novos corpos gerentes, suposta a aprovação de contas pela Cúria diocesana e chegada a Provisão dos novos corpos gerentes.

FORMAÇÃO ANUAL DOS CONSELHOS ECONÓMICOS – O Senhor Arcebispo convocou os membros dos Conselhos Económicos de todas as paróquias da Arquidiocese para formação anual do início do ano. Será no próximo dia 13, sábado, das 14.30 às 16.00, por via online no canal youtube da Arquidiocese. Peço a todos os membros do Conselho que se disponibilizem para esta formação.

CARTA AOS PAROQUIANOS – Será distribuída em breve a Carta aos Paroquianos (aqueles que estão inscritos na Paróquia), habitual no início do ano, apelando à satisfação da cóngrua anual, agora mais necessário por causa da pandemia, que origina sérias e compreensíveis dificuldades às instituições da Igreja, que satisfazem os seus encargos, sobretudo com salários e impostos, a partir da generosidade dos fiéis. Com igrejas sem culto comunitário, não nos admiremos das dificuldades.

DIA MUNDIAL DO DOENTE – Diz o Papa: «A celebração do XXIX Dia Mundial do Doente que tem lugar a 11 de fevereiro de 2021, memória de Nossa Senhora de Lurdes, é momento propício para prestar uma atenção especial às pessoas doentes e a quantos as assistem quer nos centros sanitários quer no seio das famílias e comunidades. Penso de modo particular nas pessoas que sofrem em todo o mundo os efeitos da pandemia do coronavírus. A todos, especialmente aos mais pobres e marginalizados, expresso a minha proximidade espiritual, assegurando a solicitude e o afeto da Igreja. O tema deste Dia inspira-se no trecho evangélico em que Jesus critica a hipocrisia de quantos dizem mas não fazem (cf. Mt 23, 1-12). (...) «Um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos» (23, 8).